UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTORIA

LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

TERMINALIDADE GESTÃO AMBIENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso

CONHECIMENTO E USO DE PLANTAS PELOS KAINGANG NA TERRA INDÍGENA GUARITA RS

ACADÊMICO: Argeu Mĩg Amaral

ORIENTADOR

Nivaldo Peroni

Florianópolis SC janeiro de 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos trinta e um dias do mês de janeiro do ano de dois mil e quinze, às .nove.. horas ,na Sala 310 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor , Orientador Nivaldo Peroni e Presidente, Professor Lucas Bueno, Titular da Banca, e Professora, Juliana S. Machado...Suplente, designados pela Portaria nº 35/HST/15 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Argeu Mïg Amaral, subordinado ao título:" **CONHECIMENTO E USO DE PLANTAS PELOS KAINGANG NA TERRA INDÍGENA GUARITA RS".** Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Nivaldo Peroni, a nota final ..10,0.. do Professor Lucas Bueno, a nota final ..10,0.., e da Professora Juliana S. Machado, a nota final ..10,0..; sendo aprovado com a nota final ..10,0.. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 31 de janeiro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. .....

Prof. .....

Prof. .....

Candidato .....

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Argeu Mig Amaral, matricula n.°11100018, entregou a versão final de seu TCC cujo título é Conhecimento e uso de plantas pelos Kaingang na Terra Indígena Guarita RS, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 15 de abril de 2015.

Prof. Dr. Nivaldo Peroni
Depto. Ecologia e Zoologia- ECZ/CCB
Universidade Federal de Santa Catarina

Orientador(a)

RESUMO

Este trabalho trata das questões relacionadas ao uso de plantas de várias formas pelas comunidades do setor de Linha São Paulo, São João do Irapuá e Mato Queimado da Terra Indígena da Guarita do estado do Rio Grande Sul, (RS). Seus objetivos são para questionar a relação da comunidade com as plantas principalmente as que não são cultivadas nas lavouras e o modo de uso bem como na alimentação, remédios, artesanatos e construções entre vários outros usos. O texto foi feito a partir da experiência vivida nas três comunidades, através de observação e entrevistas e da valorização das sabedorias dos mais velhos. Assim contém tabelas com mais de noventa (90) nomes de plantas cada uma seus respectivos usos. E foi visto também como era transmitido o conhecimento sobre as plantas no passado e hoje, ainda a situação do meio ambiente no passado e atualmente naquela localidade. De modo que valoriza os conhecimentos e a sua transmissão, com isso será possível sensibilizar a comunidade para preservação do meio ambiente.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS ---------- 3

APRESENTAÇÃO ---------- 3

INTRODUÇÃO ---------- 3

JUSTIFICATIVAS ---------- 4

OBJETIVOS ---------- 5

MATERIAL E MÉTODOS---------- 5

CAPÍTULO I: Os tipos de ambientes nas três comunidades.---------- 9

CAPÍTULO II: A importância do uso das plantas para as comunidades do setor de Linha São Paulo, São João do Irapuá e Mato Queimado.---------- 13

CAPÍTULO III: Transmissão do conhecimento sobre o uso das plantas e a situação atual do meio ambiente. ---------- 26

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ---------- 31

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: ---------- 32

AGRADECIMENTOS

Quero inicialmente fazer um agradecimento a meu orientador na realização do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), professor Nivaldo Peroni, por não ter medido esforço para que aconteça a organização do meu texto, na oportunidade agradeço também a minha família que é composta de filhas, filhos e esposa por terem dado maior apoio com carinho, muitas das vezes nas dificuldades, para que possamos estudar e chegar aonde que chegamos. Na oportunidade quero dar também os meus agradecimentos a minha família Nufág Amaral em memoria do meu pai Piva Nufág Amaral, lembrando, que era o sonho dele ver os filhos estudando. Estendo o mesmo, para todos meus colegas que de uma forma ou de outra deram apoio para eu pudesse terminar a licenciatura.

1. APRESENTAÇÃO

Sou Argeu Mĩg Amaral, casado, tenho cinco filhos, duas meninas e três meninos, pertenço à etnia Kaingang da Terra Indígena Guarita do Rio Grande Sul (RS). No ano de 2011 ingressei como acadêmico da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). No momento não tenho nenhum vínculo empregatício apenas sou bolsista da Universidade. Dediquei-me a fazer a minha pesquisa sobre a ecologia Kaingang com tema Conhecimento e uso de plantas pelos Kaingang na Terra Indígena Guarita RS", pelo fato de ter escolhido a terminalidade de Gestão Ambiental deste curso. Este trabalho está dividido em três capitulos descrevendo as relações que os Kaingang têm com o meio ambiente em que vivem bem como a natureza de forma mútua e identificando alguns tipos de árvores como a sua utilidade e o conhecimento sobre o seu uso no passado e hoje.

2. INTRODUÇÃO

Este trabalho traz breves indagações sobre os conhecimentos e usos das plantas[1] pelos Kaingang nos seus ambientes em que vivem no passado e hoje. A relação do povo Kaingang com meio ambiente é muito grande principalmente como o uso das plantas e de diferentes formas (Haverroth, 2007). A utilização das plantas é uma forma de suprir as necessidades, como no passado as florestas eram onde eles tiravam os materiais para construir suas moradias, armadilhas e para obter seus alimentos e as ervas medicinais entre outras. Todos esses recursos são encontrados em diferentes lugares do ambiente. Carneiro (1997), que trabalhou com os Kuikúro, mostra que existe um profundo conhecimento de povos indígenas com seus ambientes, isso facilita muito na escolha dos lugares para construir suas moradias onde tem uma grande diversidade de espécies de árvores e caças também. Neste sentido, Bamberger (1967) *apud* Posey (1987), afirma que os Kaiapó escolhem o local para localização de suas aldeias tendo em vista a proximidade de algumas dessas zonas ecológicas que tem diversidades máximas de espécies de recursos naturais. Por outro lado cada espécie de planta se dá com um determinado tipo de solo. O tema “Conhecimento e uso de plantas pelos Kaingang na Terra Indígena Guarita RS”, foi escolhido com o propósito de entender o conhecimento e o uso que as comunidades têm em relação às plantas, para a construção, para alimentação e os usos medicinais, bem como suas partes materiais e espirituais. Sabendo que antes do contato as comunidades viviam em harmonia com a natureza e que depois essa relação vem sofrendo mudanças gradativamente ao longo do tempo.

1 Usarei no texto a palavra “plantas” para me referir a quaisquer tipos de vegetações minúsculas até de grandes porte, com exceções das plantações cultivadas nas lavouras.

Segundo Everaldo Sarmento (2011), a pesquisa com os professores indígenas de Araçá do Estado de Roraima, aponta que os principais problemas ambientais podem ser consequência do aumento da população da comunidade, do fácil acesso aos bens de consumo e também a falta de conhecimento das maiorias dos moradores sobre as consequências da degradação ambiental de sua comunidade. Destaca também a destruição sofrida pelo povo com a destruição de seus recursos naturais pelos não índios. O motivo da escolha do tema deste TCC também se deu por ser um tema relacionado com as atividades do tempo comunidade da gestão ambiental na Terra Indígena Guarita.

Assim, essa pesquisa tem como hipóteses, que os valores do conhecimento Kaingang sobre ouso de plantas dependem da preservação da natureza, sendo que os recursos naturais são fatores que estão correlacionados com os conhecimentos e as praticas de sistema educacional nas comunidades, e a aceleração do desenvolvimento econômico é uma alerta para adaptação às mudanças e valorização do meio ambiente onde vivem.

3. JUSTIFICATIVAS

Optou-se pela realização desta pesquisa em função das necessidades de ampliar o conhecimento sobre a relação do povo Kaingang e com meio ambiente em três comunidades. Sabendo que os recursos naturais são um dos meios de sobrevivência das comunidades desses setores e, portanto esta pesquisa será uma forma de registrar os conhecimentos dos nossos antepassados e de hoje e posteriormente repassar para os nossos filhos. O resultado da mesma poderá servir como um material didático para as escolas indígenas.

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral.

Construir uma reflexão sobre as diferentes formas de conhecimento Kaingang sobre o uso das plantas e as causas que compromete a continuidade do conhecimento.

4.2 Objetivos específicos.

a) Realizar entrevistas com os velhos (Kófa) na comunidade sobre a sua relação com meio ambiente no passado e hoje.

b) Analisar o conhecimento sobre o uso das plantas no passado e no presente.

c) Refletir sobre a relação das três comunidades com o meio ambiente em que vivem e suas perspectivas para o futuro.

5. MATERIAL E MÉTODOS

Área de estudo

Este trabalho foi realizado na Terra Indígena da Guarita que está localizada no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e compreende o município de Redentora, Miraguaí, Tenente Portela e Erval Seco, sua extensão territorial é de 23.406,87 hectares[2] atualmente e sua população é entorno de 7000 habitantes. A demarcação original foi em 1918 e foi redemarcada em 1997[3]. A Terra Indígena politicamente pertence somente a municípios de Erval Seco Tenente Portela e Redentora com exceção do município de Miraguaí. A sua extensão é de 23.406, 87 hectares[4]. A Terra Indígena Guarita, na sua organização política interna, é dividida em 16 setores. O local de estudo é exatamente no setor Linha São Paulo, São João do Irapuá e no Mato Queimado, esses pertencem a município de Redentora RS. O número estimado de moradores dos três setores é aproximadamente 500 moradias e a sua população é entorno de 2000 pessoas. O tipo de ambiente que predomina é floresta estacional decidual e com inverno mais rigoroso do que as outras regiões do país. Nestes três setores a agricultura predomina mais e as florestas apresentam-se em estágios de sucessão bem diversificados. Esta Terra Indígena encontra na margem esquerda do rio guarita. A sua população é entorno de 7000 índios Kaingang e tem uma pequena população da etnia de Guarani, que se estalou no interior da Terra Indígena, mas estão vivendo segundo sua cultura e tradição que também tem grande ligação com a natureza, semelhante da nossa cultura Kaingang. A Terra Indígena da Guarita foi demarcada originalmente no ano de 1918 e foi redemarcada em no ano de 1997[5]. Aqui temos o mapa da Terra Indígena Guarita obtendo a localização e porcentagem da sua vegetação. (Figura 1)

---

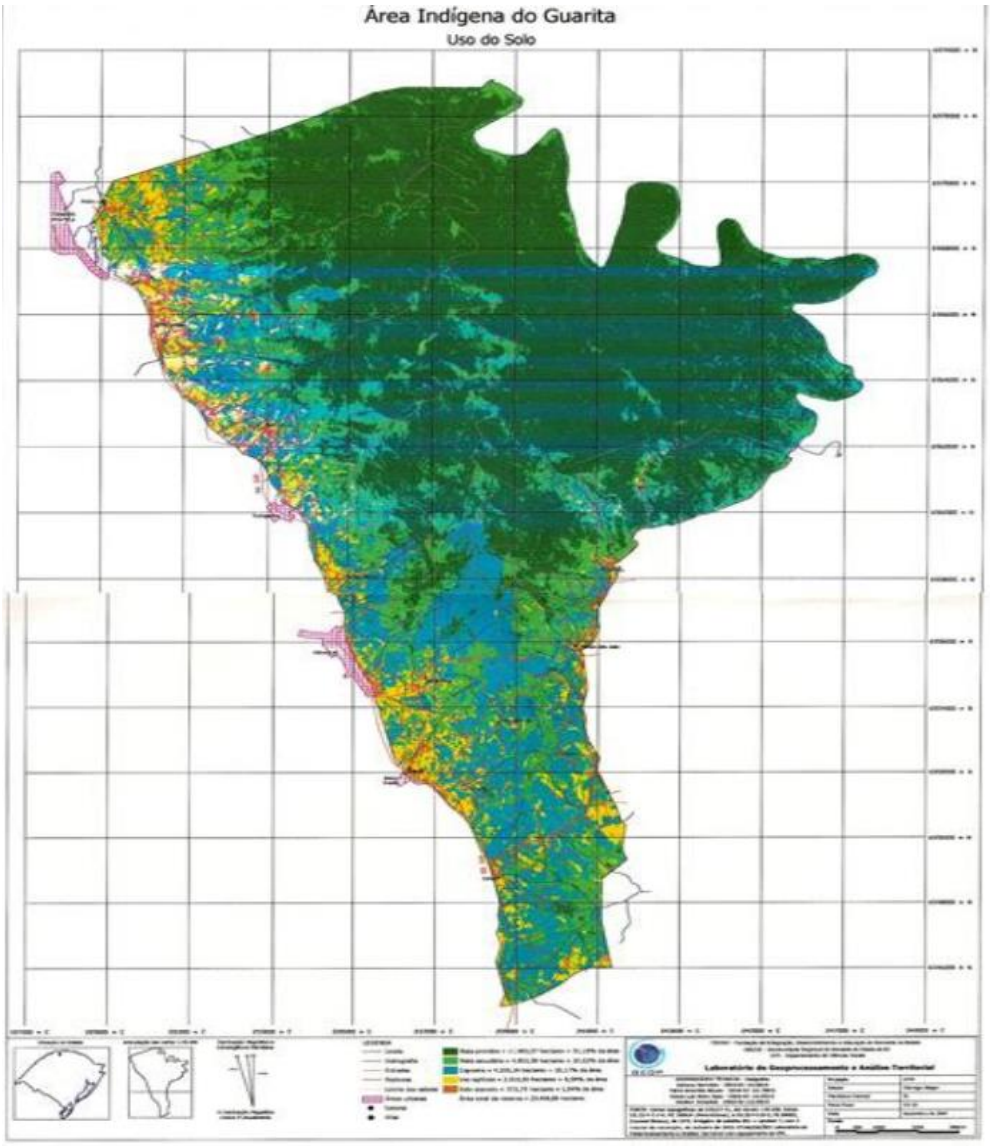
2 Fonte: WWW.portalkaingang.org, 2006

3 Fonte: WWW.portalkaingang.org, 2006

4 fonte: www.portalkaingang.org

[5] FONTE www portalkaingang.org, 2006

Figura 1. Terra Indígena da Guarita RS e seus ambientes.



LEGENDA DA COBERTURA VEGETAL: Verde escuro= Predomina mata primária (Nãn mág) . Verde claro=mata secundária em vários estágios de regeneração.

Esta Terra Indígena ainda preserva uma grande parte da floresta de tipo estacional decidual, onde algumas árvores perdem as folhas durante o inverno, que é rigoroso mais do as outras regiões do país.

Em relação ao seu entorno, a T.I. Guarita é que menos destrói a natureza, bem como as matas e o solo e suas fontes de águas e rios. Assim Porsch (2011) também cita Sompré (2007, p. 27) que a Terra Indígena preserva ainda 51,18% de mata considerada primária e 20,52% de mata secundária, têm também 18,17% de capoeira e 8,54% de terra cultivada e 1,54 % de terra exposta.

Quase todos os setores estão localizados bem próximos da rodovia RS 330. O formato dessa terra indígena é estreito para sul e a sua grande dimensão está localizada para norte, onde faz seus limites com o rio guarita e por razão disso, esta terra recebeu o nome de Guarita. Todos os setores surgiram junto aos nascentes de rios como Lajeado bananeira, Lajeado Miraguaí entre vários outros. Os Lajeados são quase todos afluentes do um rio principal chamado de Lajeado do Irapuá (*Goj Fã)* e essa bacia corta ao meio a Terra Indígena, indo do sul para o norte, com exceções alguns rios do setor do ABC e Pedra Lisa que são afluentes do rio Parizinho e lajeado Manchinha e no setor da Estiva é Lajeado Rosa e Lajeado Büron da aldeia do Guarani. Portanto por onde passa a rodovia RS 330 que faz o limite da Terra Indígena é o divisor de água.

Existem inúmeras espécies de plantas na Terra Indígena da Guarita que são todas importantes para os Kaingang, pelo fato da sua cultura estar ligada diretamente com a natureza. Portanto, cada espécie de planta tem a suas utilidades como remédios para a alimentação, construção, artesanato artefatos entre outras, isso porque no passado a natureza fornecia tudo para a sobrevivência desse povo e acontecia em forma de reciprocidade entre ambos as partes.

A agricultura itinerante no passado era uma forma de fazer a recomposição do solo e da vegetação para as comunidades destas localidades, com a cinza diziam que era bom para as plantas cultivadas, além de favorecer a sucessão da vegetação durante 2 a 3 anos ou ate mais. Ainda hoje as comunidades destas localidades cultivam feijão, milho e abobara na roça, que é um sistema conhecida como coivara, que anda de um lugar para outro e que consiste de derrubar uma parte pequena da mata onde é queimada e depois plantada, isso também é utilizado pelos outros povos indígenas, por exemplo, entre os Kayapó (Posey, 1987*)*.

Figura 2. Roça de coivara com plantação de feijão (Foto do autor)

Métodos De Coleta e Análise De Dados

A coleta de dados foi feita através de entrevistas com os mais velhos (*Kófa)* podendo ser homens e mulheres acima de 45 anos nos setores citados anteriormente. As entrevistas foram feitas nas casas com os velhos com aviso prévio. Foram considerados pelos menos cinco (*Kófas*) por setor, totalizando 7 entrevistas. O projeto de pesquisa foi apresentado para as lideranças para a anuência.

As entrevistas seguiram um roteiro com as seguintes perguntas:

1) Como eram as relações das comunidades com o meio ambiente daquele local antes do contato?

2) O que significa a floresta para você?

3) Qual era a importância das plantas no passado e como é hoje?

4) Como eram passados para os mais novos, os conhecimentos sobre as utilidades das plantas? E hoje?

5) Quais os conhecimentos que ainda estão sendo ensinados para as juventudes de hoje?

6) Quais os usos de plantas no passado e atualmente?

7) Que ações poderiam ser feitos para recuperações das áreas que foram desmatadas?

Quanto aos métodos analíticos das informações coletados da pesquisa do campo, foi feita compilação e análises das entrevistas. Foram usadas fotos, mapas, e elaboradas tabelas. O nome das plantas foram registrados principalmente em português, e quando conhecidas, também foram escritas na língua Kaingang.

Foi elaborada uma lista de plantas conhecidas e usadas, com a relação de seus usos no passado e no presente, assim como do local de ocorrência destas espécies. Para a melhor apresentação dos resultados, este trabalho foi então organizado em três capítulos.

CAPÍTULO I

OS TIPOS DE AMBIENTES NAS TRÊS COMUNIDADES

Na Terra Indígena Guarita o setor de Linha São Paulo, na qual eu resido, faz a divisa com o setor de São João do Irapuá e Mato Queimado, sendo que a divisa desses setores em alguns lugares são na terra seca e em outros lugares fazem com os rios. O setor do Mato Queimado se localiza bem mais para o interior a Terra Indígena.

Essas três grandes comunidades no passado, há aproximadamente vinte anos, era uma comunidade só e todos pertenciam a comando do setor de São João do Irapuá pelo fato de ser um antigo Posto Indígena, logo a comunidade de Mato Queimado tornou-se um setor com passar do tempo e recentemente a comunidade de Linha São Paulo se tornou independente do setor São João do Irapuá tornando outro setor. (figura 3).

Figura 3. Mapa do setor Linha São Paulo, São João do Irapuá e Mato Queimado, com seus limites com outros setores.

Nestas três comunidades encontramos um ambiente bem diversificado cuja caraterística principal é a presença de mata secundária (capoeirão e capoeira), banhados, e uma pequena parte de campo em alguns lugares. Existe nesses setores de mata secundaria remanescentes, também áreas de matas ciliares, porém existem pequenas manchas de mata primária que são conhecidas por Nãn mág.

A mata secundaria é um lugar onde a mão do homem tem interferido muito pouco atualmente, portanto é possível encontrar mais espécies de árvores como as árvores frutíferas e árvores de porte grande, taquaras e cipós outros recursos naturais. Hoje estas áreas estão sendo muito ameaçado em função da expansão da agricultura e por falta do manejo para a coleta de recursos naturais.

O capoeirão é um estágio da mata secundaria e é onde encontram as árvores em desenvolvimento ainda, mas com presença de alguns tipos de árvores frutíferas e taquara e árvores bem mais altas para utilizar como madeira. A formação do capoeirão leva muito tempo e acontece depois da capoeira que se forma depois de deixar de plantar uma roça, por 2 a 3 anos de descanso, esse desenvolvimento depende muito da qualidade do solo. (figura 4)

Figura 4. Foto da área com formação de sucessão da floresta, no setor de Linha São Paulo (Foto do autor)

A capoeira, também é um estágio de mata secundária, e é composta por uma vegetação já um pouco diversificada com aparecimento de alguns tipos de arbustos e cipós. Como pode ser observado na figura 4.

"...durante 20, 40 ou mais anos, promove a recomposição da mata através da sucessão vegetal que acontece naturalmente". (Guia do professor, cultura, ambiente e biodiversidade. 2006, p. 80).

O campo se refere aos lugares em que a terra é muito fraca ou lugar de pastagem, geralmente as plantas que aparecem nos campos são rasteiras como capim e gramíneas que são compostas por vários tipos grama que se alastra pelo solo onde é exposto sem cobertura verde.

Nestas mesmas comunidades existem banhados que também pode ser outro tipo de ambiente para encontrar outros tipos de plantas que se adapta nesta condição. Existem as plantas que são exóticas que os moradores cultivam que pode ser árvore ou pastos. As mais conhecidas são japonês, eucalipto, mamonas, sinamão, capim braquiária e outros frutas do pomar dos moradores.

Cada espécie de planta têm o tipo de vegetação onde ocorrem podendo ser no banhado, campo, capoeira e capoeirão como mata secundaria. Através das entrevistas e da minha própria convivência como observações e anotações nos três setores, foram descritos 32 plantas e alguns com diferentes tipos de ambientes de adaptação, nos três setores onde foi feito o trabalho. Veja alguns exemplos na tabela 1.

Tabela 1. Classificação dos ambientes e a ocorrência das principais plantas que caracterizam estes ambientes na Terra Indígena Guarita, setores Linha São Paulo, São João do Irapuá e Mato Queimado.

NOME EM PORTUGUÊS	**NOME EM KAINGANG**	**CAMPO**	**CAPOEIRA CAPOEIRÃO (MATA SECUNDÁRIA)**	**BANHADO E LAGOA**
Grama	Re	X		
Imbú	Mug		X	
Guabiroba	pẽnva		X	
Chapéu de coro				X

Caete	Ty			X
Carrapicho	Ga-tu-kyjer	X		
Samambaia	Pri- kanẽ-funfór			X
Carrapicho	Ómrofo	X	X	
Vassora	Kanhmé		X	
Taquara	Vãn		X	
Capim	Re	X		
Capim barba de bode	Re kórég	X		
Caraguatá	rẽnh	X	X	
Fumero	Pétór		X	
Maria mole		X		
	Órog	X		
Varaneira	Nár		X	
Embu	Mug		X	
Rabo de bugio	kẽgtánh		X	
Erva moura	Fuva	X		
Bambu	Vãn kanér	X	X	
Timbó	kẽgtusa		X	
Pariparoba	krygmẽ		X	
Mamilas de cadela	krẽgmág		X	
Bardame	marỹmỹ	X		
Esporão de galo	Sónh-kanẽ-kusũg		X	
Capim santa fé				X
Cancarosa			X	

Marcela	mỹrsér	X		
Angico	Karugmág		X	
Canela preta	kẽtén		X	
Areticum	Kukrej		X	
Capim de cobrir casa	Re pẽ	X		

A partir da tabela construída com os resultados das entrevistas, eu percebi que as comunidades possuem um grande conhecimento do local onde são encontradas as plantas que eles precisam para as construções de suas casas e quando eles precisam da erva medicinal e para coletar as ervas comestíveis na época de sua brotação. Assim, foi elaborado o capítulo 2, para explorar melhor o uso que é feitas das plantas.

CAPITULO II

A IMPORTANCIA DO USO DAS PLANTAS PARA AS COMUNIDADES DO SETOR DE LINHA SÃO PAULO, SÃO JOÃO DO IRAPUÁ E MATO QUEIMADO.

Durante muito tempo a mata tem sido um lugar sagrado para as comunidades desses três setores onde são encontrados os remédios para cura e para prevenção que é muito importante para os Kaingang, todos os tipos de coleta de recursos naturais são feitos ali, para suprir as necessidades, como frutas, folhas comestíveis e as madeiras para construção de casas e para seu consumo como a lenha.

Portanto as famílias participam na preservação das espécies principalmente alguns tipos de árvores frutíferas com transplantes desses que são tiradas de um lugar e plantadas no outro. Geralmente eles costumam a plantar no terreiro da casa e nas estradas que dão acessos ás casas ou lugares de lazer e nas divisas de terrenos. As árvores frutíferas tiradas e plantadas servem como quebra vento e sombras onde as pessoas descansam e os animais também, além disso, ela fornece frutas durante a época que amadurece isso complementa na alimentação. Eles cultivam essas plantas silvestres com o intuito de obter o remédio perto da casa que pode ser seus galhos, folhas troncos, raízes e acreditam muito nos poderes das frutas na saúde das crianças. Outra

importância desse modo de praticar esse tipo de manejo é de fazer lenha dela quando essa arvore morrer.

"No caso dos índios, o manejo é feita no sentido de transplantar espécies e difundi-las para sua preservação. Ou seja, uma recomposição artificial dos processos da natureza. O mesmo dizer respeito à construção do solo que é por eles restaurado e enriquecido pela adição de nutrientes." (Posey 1987)

Entre os recursos naturais estão as principais matérias primas encontradas nestes lugares são: o capim, taquaras e cipó usado na confecção de vários tipos de artesanato, madeiras próprias para a construção das casas e outros artefatos como arco flecha e um tipo de madeira seca[6] aproveitada para fazer palanques e lenhas entre outras coisas.

Para as comunidades, todos os tipos de plantas são usados como remédios. Segundo senhora Joana Emilio moradora antiga dessa comunidade*, "todas as árvores e folhas verdes é remédio para nos tomar quando ficar doente, mas que ela não sabe de tudo e cada um tem o seu remédio que aprendeu com seus pais pode ser uma vegetação rasteira até árvore maior."* Dessa forma, todas as folhas da uma árvore podem ser utilizadas como remédio, ou pode ser capim, cipós ou qualquer vegetação pode ser usado como remédio, mas isso depende de cada um ou família, porque existem os rituais diferentes de cada família na realização da coleta de ervas medicinais para preparar seu remédio.

As comunidades ainda preservam o conhecimento sobre o uso das plantas, para certa doenças ou machucadura como fraturas. As fraturas de membros do corpo das pessoas são muito frequentes na comunidade, quando isso acontece as pessoas são encaminhados para hospital da cidade, recebe o socorro e depois se trata em casa com remédio do mato para curar a machucadura.

Têm também doenças que são curadas com o remédio do mato inclusive as doenças que muitas vezes o remédio da farmácia parece que não cura, então nesse caso as pessoas recorrem as pessoas que sabem sobre ervas medicinais. Existe caso que para a comunidade a doença de certa pessoa não é doença do corpo, acreditam que é o espirito daquela que está doente, hoje é conhecida por "feitiço" na comunidade. Quando há caso de feitiço, esta pessoa com este problema, ela começa buscar os remédio do mato com pessoa que conhece. Outro caso onde as pessoas recorrem para as plantas, é quando um marido fica viúvo ou vice-versa, porque muitos dos viúvos podem ser pais, ou ela pode ser mãe também, então as crianças onde estas pessoas residem devem se lavar com as folhas do remédio do mato para o espirito das crianças não vem adoecer também. De fato, mesmo essas plantas são poderosas porque preservam a saúde das crianças ou adultos contra este mal. Entretanto existem pessoas que são evangélicas que

[6] Aqui me refiro à árvore caído na mata que pode ser aproveitados pelos indígenas.

acreditam que não existe este mal e consideram este costume como preconceito sobre essas pessoas.

Existem costumes dentro da comunidade que é preparar as crianças com remédio do mato principalmente os meninos. Por exemplo, o cipó trepadeira conhecida como *gatu nĩgru* que tem as raízes fixadoras de formato de unha de gato, este serve para preparar uma criança e o cipó *mrũr ger* que serve para crianças que esta com dor de barriga, as folhas desse cipó quando é mastigada sempre quando que é achado, preservam os dentes durante todo o tempo da sua vida. Atualmente está sendo usado na confecção de artesanato. As famílias no passado tinham esses costumes que hoje é muito vivo ainda na comunidade. Antigamente preparavam as crianças para ter uma boa visão, por exemplo, para achar o mel com facilidade dentro da mata fechada, para ter habilidade para subir nas árvores assim por diante, para ser um bom atirador, caçador e para ser um bom guerreiro.

Segundo a senhora Joana Emilio a sua família tinha uma relação muito grande com a natureza, por isso não usavam relógio e elas e os seus irmãos se acordavam com canto dos pássaros. Seu pai nessa época trabalhava muito na agricultura onde ele plantava trigo, milho e linhaça. Esse morador tinha doze filhos e como ele colocava eles e elas trabalhar na lavoura e era feita somente de enxada.

Um dos irmãos dela se dedicou muito a caça e pela luta corporal, portanto se dedicou muito pelo os remédios do mato e começou usar todos os dias. Então era o kakrã dele que se dedicou para lavar ele com remédio do mato.

Pois na cultura Kaingang, quando uma criança ou uma pessoa são preparadas para certas coisas, é somente os kakrã deles que podem buscar o remédio do mato e preparar para elas usarem depois de ele realizar tudo os rituais que devem ser feitos. Isto é, esta pessoa deve ter marcas opostas em relação a elas, se não o remédio não faz o efeito que a pessoa desejou.

Visto que todos os dias no clarear do dia kakrã dele acordava ele e pedia para ele se por de pé para ele se lavar com remédio que o seu kakrã tinha preparado. O ritual que o kakrã dele fazia, eram palavras que fortalecia ele, para se tornar um guerreiro e um verdadeiro caçador. Depois de se passar as folhas socados no pilão, o kakrã dele tinha o carvão pronto na mão para ele passar nos braços, pescoço e nos olhos dele. Todas as manhãs ele ficava assim pintado de carvão e folhas grudado no seu rosto o dia inteiro ficava assim para ele ser forte para qualquer competição corporal com os seus primos, porque era comum antigamente acontecer isso dentro da comunidade.

A importância das plantas não é somente sobre o remédio, entre várias outras temos também aquelas plantas que aparecem no campo que são aproveitadas para diversos fins. Existem também gramas de folha largas parecidas com aquelas leivas que

são comercializados nas cidades, só que estas são selvagens, que é muito importante para os moradores dessas comunidades, para ser plantada nos terreiros de algumas casas e principalmente nas escolas e nos lugares de lazer como campo de futebol. A importância é pelo fato que segura a umidade do solo e protege contra a erosão provocada pela chuva, além de enfeitar o terreiro da casa e minimizar a poeira da terra. Portanto a pessoa que tem interesse de fazer essa atividade não se importa do custo econômico.

As plantas que chamamos de inços *vãnh* são todas aquelas se desenvolvem em baixo das plantações, por exemplo, de soja, milho ou feijão e são controladas através de enxadas e arados que são puxados por animais ou também são combatida com ação de veneno principalmente nas lavouras grandes. Atualmente o uso de agrotóxicos por parte de agricultores não indígenas resulta problemático para os coletores de erva mouras *fuva* e para os pescadores principalmente pela contaminação dos rios.

A qualidade do solo define os tipos de plantas. Quando terra é boa encontramos uma vegetação bem verde e bem diversificada, mas quando a terra não é boa ou não é produtivo aparece uma vegetação como capim barba de bode *re kórég,* carrapicho *ga-tu-kyjer* e *ómrofo* e guaxuma *néntuj* entre outras, assim a vegetação são como indicadores de qualidade do solo. As plantas indicadoras determinam os tipos de plantas que pode ser cultivadas num certo lugar, até mesmo a cor, o cheiro e compactação da terra.

Segundo Antônio Gavóg Claudino onde ele morava antigamente era tudo mato no lugar, onde ele reside hoje, por muito tempo, só havia mato também. Ele conta que na época quando era criança ainda, ele morava no lugar chamado de Campina e o pai dele dizia para eles que não existia estrada onde passa o asfalto na RS 330. Em função da falta de comercio, principalmente açougue, por perto dos moradores Kaingang era muito comum os Kaingang praticarem caça, pesca e coletas. Portanto quem podia comprar os mantimentos como charque, açúcar e farinha eram as pessoas que possuíam os animais de atração como o meio de transportes conhecida como cargueiro, com burca que é um cesto feito de coro de boi pendurado no lombio nos dois lados do cavalo. A estrada por onde passavam os cavalos era um trilho que ficava afundado no chão causado pelas pisadas dos animais pelo meio da floresta. Esta estrada passava na divisa da Terra Indígena passando exatamente onde está localizado o setor de São João do Irapuá e Linha São Paulo também passando no setor da Estiva, indo para cidade de Ijui onde são compradas as mercadorias. O mesmo quando era criança caminhava com seu irmão nesta picada no meio do mato aproximadamente vinte quilômetros todos os dias da semana para chegar ate a escola onde ele estudava. Encontrava muitos pés de pinheiros pelas estradas e as folhas secas caída no chão dificultavam suas pisadas porque eles caminhavam com os pés no chão.

Falou também que os seus pais jóg dele usava ainda o arco e a flecha para caçar veado, onça e porco do mato. Quando o pai dele se preparava para ir ao mato na preparação de sua flecha queimava um pedaço de madeira de alecrim conhecida como kokaj até virar carvão, depois moía os pedacinhos e colocava dentro da flecha feita de

taquara mansa em seguida fixava no nĩ ou karẽ na ponta de sua flecha. A atadura da ponta da flecha são feita de prẽ que é a casca do cipó Imbé preparada depois para terminar a preparação da flecha é passado na ponta o sug néj que é uma cera da abelha mirim que é um tipo de abelha sem ferrão.

Portanto, toda essa preparação, o ritual com carvão, ponta da flecha, a cera da abelha mirim e a casca do cipó Imbé vira um veneno para seu alvo. O arco pode ser bem reforçado e para isso deve ser feita com cerne de juajuvira ou de alecrim e o atirador também para poder arcar a madeira do arco para fazer o efeito quando for atirar.

Quando os Kaingang iam acampar no mato faziam dois fogos bem grandes para quando uma onça se encontrava com eles não chegar perto, mas as vezes uma onça pode fazer ameaça e começar a rugir ao redor, o caçador que tem seu arco feito de alecrim poderá rapar um pouco o arco e começar jogar o pó no fogo. Ao sentir o cheiro do pó queimado ela começa se afastar bem longe do lugar do acampamento. Portanto o arco e a flecha eram muito importantes para os Kaingang nessa época, então servia para mostrar a coragem, poder e enfeite porque quando as lideranças faziam uma reunião, todos os homens carregavam seus arcos e as flechas para irem ate o lugar indicado e cada um queria ter seus armamentos bem enfeitados para mostrar que sabem confeccionar e caçar.

Quando não existiam ainda as vasilhas fabricadas para guardar líquidos, os Kaingang usavam suas vasilhas fabricadas com argila, purungo madeira ou cesto. A argila era amassada ate adquirir seu formato desejado e posto no fogo. E purungo é uma planta rasteira tipo um cipó de folhas grandes e largas, existe vários tipos dessas plantas uma são silvestres outras são cultivadas e o formato são variáveis pequenos ou grandes alguns dão coloridos.

Esta planta foi muito cultivada pela comunidade antigamente, pois o fruto quando seca fica muito resistente que serve para aguardar a água e para esconder as sementes dos roedores, outra utilidades dessa planta é de confeccionar instrumentos musicais para ser usadas nos seus rituais. Atualmente é usado na fabricação de cuia de chimarrão principalmente na região sul do Brasil geralmente pelos não índios, mas com outros tipos de semente, por outro lado as variedades que tínhamos estão desaparecendo nas nossas comunidades.

A madeira foi muito utilizada para suprir as necessidades das comunidades na falta de vasilha no passado conhecido como cocho ou gamela e o pilão que é usado todos os dias na comunidade para fazer canjica, *pisé, mẽnfyfy* e serve para socar folha de mandioca brava entre varias outras coisas. O pilão não pode ser feita com qualquer madeira, pode ser feita com angico e grapia que são madeiras que duram muito tempo apesar de estar exposto ao sol, chuva e frio e color. A mão do pilão é feita com madeira que precisamente deve ser pesada além de ser uma madeira já seca, por isso a árvore mais indicada é o tronco de cerejeira *nérjor* esta por mais que seja fina para a mão

segurar facilmente, é pesada que não precisa de muito força para quem soca. Hoje o cocho é ainda usado, mas essa vez serve para tratar as criações como dar comida ou dar água.

Outra técnica que era usada na obtenção de uma vasilha impermeável é de fazer uma trança de um cesto com taquara mansa do tamanho fácil de pegar, e em seguida é passado somente no lado de dentro o *sug néj* que é a cera da abelha mirim no fundo do cesto para impermeabilizar o cesto. Assim conseguiam colocar água pelo tempo que quisesse e servia para buscar o mel bem longe. A folha da taquara mansa servia para o telhado da casa onde as folhas são tiradas com as mãos e colocadas lado a lado em cima das lascas da taquara depois outra lasca era colocada por cima e atada um no outro. Geralmente costumavam usar varas de angico e louro para fazer esteio de suas casas porque são madeiras que duram mais dentro da terra e o cambotá, por exemplo, é para armação de cima como caibro e linhas da casa. Como não existia prego, antigamente todas as casas eram construídas e amarradas com cipós e os cipós na maioria das vezes duram mais que a armação da própria casa.

Outro modo de utilizar as madeiras é para os moradores construir chiqueiro, palanques para cercar as criações e casas, galpões e lenhas. Existem alguns grupos de pessoas que fazem ainda palanque e lenha para vender apesar de ser um ato ilegal conforme a Legislação Ambiental.

Nas comunidades é muito comum ver as pessoas realizando coletas para fazer a cestaria, alguns vão para campo para coletar flores do capim e argila para confeccionar arranjos para comercializar e outras atividades é irem buscar cipós, taquaras. As buscas desses recursos naturais muitas vezes são feitas em mutirões com família ou escolas porque o lugar onde é em abundante desses materiais é longe, alguns vão de carroça ou de carreta do trator. A taquaraçu, por exemplo, é muito pesada quando carregamos sem partir elas e pegar apenas os talos que podem ser aproveitados, os cipós também pesam de mais, assim precisa transportar em carroças.

As taquaras são plantas de grandes valores culturais e econômicos dentro da comunidade, logo é considerado um recurso natural renovável mais procurada, uma vez que, além de ser uma fonte de renda de várias famílias é uma forma de expressar a cultura e o conhecimento Kaingang nas Escolas Indígenas. Na escola é trabalhada, por exemplo, a trança, e desta forma, pode-se explorar o grafismo Kaingang, as marcas tribais (*kamẽ* e *kajru*), usados na disciplina de artes culturais. Ainda para os nossos antepassados a floração da taquara servia para medir tempos, principalmente como uma maneira de contar a idade das pessoas. Esta floração da taquara se da somente a cada 30 anos, antes e a taquara se reproduz através dos rizomas, embora floresçam uma vez na vida. E os cipós são atualmente o segundo recursos naturais procurados para confecção de artesanato, conforme as entrevistas realizadas.

Entretanto o uso do cipó não se restringe somente no artesanato e amarração da casa. Porque existem cipós trepadeiras que quando é cortada libera uma seiva bem limpa que da para beber. Os Kaingang costumavam beber isso quando eles estão muito

longe das vertentes da água e quando se afogam quando estão comendo o mel, no mato mesmo, então eles cortam o cipó rapidamente para fazer a pessoa afogada beber, caso contrário poderá acontecer grave situação. Segundo Claude Lévi- Strauss, apud. Cévaux, 1883: p, 278, na falta ou insuficiente de agua, os indios costumam saciar a cede com o sumo de diversas trepadeiras. A seiva assemelha-se à agua pura e cristalina, sendo facilmente recolhida numa cabaça. Além disso, os cipós servem *gatu nĩgrũ* como remédios para curar e preparar, por exemplo, para uma pessoa adquirir a habilidade de subir nas arvores para colher as frutas delas, isso deve começar desde criança na comunidade. O cipó milome *mrũr ger*, por exemplo, atualmente está sendo usado na confecção de artesanato, porém antigamente era usado como remédio, e então fica claro que o uso de plantas está sempre se adaptando a necessidade da comunidade.

Os Kaingang quando é na época de pescar e quando os peixes estiverem grandes, acostumavam bater o cipó *kẽje*, onde é batido contra uma pedra nas corredeiras da agua do rio, desta vez funcionava como veneno que matava todos os peixes e pode alcançar certa distancia no rio. Para os Kaingang não é veneno propriamente dita que mata os peixes, mas sabem que aquele a resina do cipó deixa a água do rio sem ar, assim afugenta os peixes que acabam caindo na armadilha ou ficam com a boca para fora da água até morrerem. A distância atingida depende da quantidade de cipós batidos e será controlada conforme a quantidade de família, ou seja, quando é grande a família, rende mais o trabalho ali. O nome da pratica de bater cipó em língua kaigang é *kẽje rãn.* Uma armadilha deve acompanhar dessa prática de *kẽje rañ*, que é o *pãri* onde é calculado a distancia que o veneno vai alcançar e ali que é colocado o *pãri*.

Esta armadilha é feita de trançado de taquaraçu ou taquara mansa colocada atravessada na correnteza do rio *vó* para pegar os peixes que descem pelo rio com efeito do veneno do cipó e acabam ficando preso no *pãri*. Veja algum local no rio que pode ser recomendado para colocar a armadilha *pãri*, na figura 5.

Figura 5. Foto do rio Irapuá *goj fã* na localidade do setor Mato Queimado, lugar onde pode ser colocada a armadilha *pãri,* mas sem a presença dela. (Foto do autor)

Existe também uma crença Kaingang, sobre as folhas de algumas árvores que servem de remédio para os pescadores de hoje para eles passar no anzol ou ficar mastigando durante a pescaria e acreditam que terão um sucesso naquele dia.

A mata no passado sempre ofereceu os recursos de sobrevivência dos nossos antepassados que são os **alimentos** que a natureza forneceu, alguns são apreciados até os dias de hoje que são as ervas comestíveis que complementava a caça e a pesca num certo período de tempo. Além das folhas comestíveis, existiam no passado outros tipos de alimento conhecido como *kanhgrén*, porém era outro organismo que brotava no lugar onde ficava madeira podre, não crescem muito e são parecidas com orelha de pau, pois são bem tenras, sendo que esses alimentos não são plantas, mas são fungos.

Este é colocado numa panela com agua quente até ficar bem macio, o cardápio é acompanhado de *pisé* que é comida derivado do milho.

Outras plantas são comestíveis são os *fuva, kumĩ, karuru, nár, grỹ, kufár* e o broto da palmeira, broto da palmeira que é *nhũn* era o mais difícil, porque exige uma atividade pesada, onde a palmeira deve ser derrubada. Mas quem corta, aproveita o tronco dela para fazer pranchas que serve para fazer a parede da casa, por isso quem faz essa atividade tem uma casa com parede de prancha de palmeira é também vendido para outras pessoas.

Outra árvore que os Kaingang derrubam para lascar e fazer as pranchas ou tabuinha é a ortigueira *ny,* uma árvore de porte grande, mas bem mais fácil de cortar, porque o tronco dela é mole mais rende mais que o tronco palmeira. A tabuinha é um corte de umas das pranchas com mais de cinquenta centímetros para cobrir casas. A árvore conhecida como *kẽtẽn* que é canela preta também é cortada para fazer pranchas e tabuinha, mas não rende igual o tronco da palmeira e ortigueira. Durante algumas épocas as comunidades construíam suas casas com paredes pranchas e o telhado de tabuinha. As pessoas que derrubavam essas árvores para fazer as pranchas e as tabuinhas, e vendia para as outras pessoas que não tinha o conhecimento e aptidão para manejar as ferramentas de lascar e cortar o tronco das árvores, e era como a profissão dele.

Os saberes das comunidades sobre a as plantas é imenso, quanto necessitam delas sabem aonde encontrar e cada uma dessas plantas tem um determinado usos tanto como passado e hoje. Veja na tabela 2 que traz nomes de espécies de plantas de diferentes usos e cada uma delas tem seu ambiente onde são adaptadas naturalmente.

Tabela 2. As plantas com seus usos no passado e no presente e ambientes onde ocorrem.

NOME EM PORTUGUÊS	**NOME EM KAINGANG**	**AMBIENTE**	**USO HOJE**	**USO NO PASSADO**
Timbo	kẽgtusa	Capoeira	Lenha	Não usava porque era exótica
Vassora	Kanhmé	Capoeira	Varrer	Fogo
"Cipó mata peixe"	kẽje	Mata fechada	Se usa pouco	Pesca
Taquaraçú	Vãgvãsa	Mata fechada	Artesanato	Vários usos
Taquara mansa	vẽn pẽ	Mata fechada	Artesanato	Vários usos
Carvalhinho	kẽtakó	Capoeira	Erva medicinal	Erva medicinal
Araticum	Kukrej	Capoeira	Fruta e fibra	Corda de arco, trança de artesanato
Canela de viado		Mato fechado	Lança cacete ou porrete	Armação de casa
Canela preta	kẽtẽn	Mato fechado	Prancha de	Prancha de casa

		e capoeira	casa	
Angico	Karugmág	Mato fechado	Arco	Lenha
Canjarana	Fósa	Mato	Planta medicinal	Artefato kaingang Planta medicinal
Grápia	kẽnhkórá	Mato fechado	Planta medicinal	Planta medicinal lenha
Cambota	Sakrĩnhkre	Mato fechado	Planta medicinal	Lenha e construção
Guabirova	Pẽnva	Mato e capoeira	Fruta e planta medicinal	Fruta e planta medicinal
Pitangueira	Jymi	Mato fechado	Fruta e planta medicinal	Fruta e planta medicinal
Ortigueira	Ny	Mato fechado	Planta medicinal	Planta medicinal
Jerivá	Tẽnh	Mato fechado e capoeira	Fruta e alimento, planta medicinal material de construção	Fruta planta medicinal
Cruzeiro	Póféj	Capoeira	Planta medicinal	Planta medicinal
Fumeiro	Pétór	Capoeira	Planta medicinal	Planta medicinal
Imbú	Mug	Mato fechado e capoeira	Planta medicinal	Planta medicinal
Rabo de bugio	kẽgtánh	Capoeira e mata ciliar	Planta medicinal	Planta medicinal
Louro	Vyj	Mato fechado e mata ciliar	Planta medicinal	Planta medicinal
Assoita cavalo	Kẽtajug	Mata fechado e mata ciliar	Planta medicinal	Planta medicinal
Peloteira	Kẽkróg	Capoeira	Planta medicinal	Planta medicinal e lenha
Criciuma	krẽ	Mato fechado	Artesanato	Artesanato
Pinheiro	Fág	Na mata	Alimento ameaçado de extinção	Alimento
	Kypró	Mato e capoeira	Construção	Remédios
Cedro	Fó	Mato	Para fazer carvão	
Taquara	Vãn kanẽr	Terreiro da casa	Artesanato	Não existia

bambu		ou campo	construção de galpões	
Canela bregio	kẽgrẽgró	Mato e capoeira	Armação de casa e outros fins	Armação de casa
Samambaia de talo roxo	Pri pẽn sá	No campo e no mato	Remédio	Remédio para vários tipos de doenças
Cipó milome	Mrũr ger	Capoeira	Remédio e artesanato	Remédio
Varaneira	Nár	Capoeira	Pasto para gado	Alimento e remédio
Figueira	kẽvẽfy	Mato e capoeirão	Remédio	Remédio
Erva moura	Fuva	Campo e capoeira	Alimento	Alimento
Mandioca brava	Kumĩ	Capoeira	Alimento	Alimento veneno
Cereja	Nérjór	Mato	Alimento e madeira	Alimento/fruta
Juazeiro	Renh	Campo	Fruta	Fruta
Caraguatá	rẽnh	Campo	Fruta	Remédio e alimento
Pata de vaca	kẽvigmy	Capoeira e capoeirão	Remédio e lenha	Remédio
	Kókũ	Mato e capoeira	Fruta	Remédio e fruta
Capota	kyrẽr	Capoeirão e mato	Fruta	Remédio e fruta
	Ógto	Campo	Remédio	Remédio
	kẽtatónh	Mato capoeirão	Semente para confecção de colares	Fruta não comestível
Japonês	Japonéj	Capoeira	Madeira e lenha	Não existia
Cipó escada	Ójor tãpry já	Mato	Ornamento	Remédio
Unha de gato	jẽpĩna	Capoeira		Remédio
	vẽrẽnh	Capoeira e campo		Remédio
Guabiju	Kanẽ sá	Mato	Fruta	Fruta e madeira
Capim	Renhtóhó	Campo		Cobertura e parede da casa
Ortigão	Purfé	Capoeira e mato		Alimento e fibra
	Órog	Capoeira		

Ingá	Kósán	Capoeira e mata	Alimento	Alimento
	Vẽnẽn	Embaixo das árvores	Não usa mais	Sal
Pariparoba	krygmẽ	Embaixo das árvores	Remédio	Remédio
Capim barba de bode	Re kórég	Campo	Ninho da galinha	
Grama	Re	Campo	Plantar no terreiro/lugar de lazer	
Esporão	Sóg- kané-kusũg			
Bardama	Manrỹmỹ			
Manana de mico	Kó	Mata secundaria e primaria	Alimento	Alimento
Marcela do mato	mỹrsér	Campos	Chá	
samambaia	Póvéj	Campo e mato	Remédio	Remédio
Samambaia	Pri kané fór	Banhado		Remédio
Guiné	Hunh	Capoeirão e mata secundaria e primaria	Remédio	Remédio
Cipó são joão	Mrũr féj kusũg	Campo	Artesanato	Amarrar e atar algo
Cipó leiteiro marrom	Mrũr kusũg	Mato e capoeira	Artesanato	
Cancarosa		Mata secundaria e primaria	Remédio	Remédio
Maria mola		Campo e capoeira	Remédio	
Santa fé		Banhado	Cobrir casa	
Amoroso		Campo		
Picão		Lavoura		
Picão do reino		Lavoura	Remédio	
Café		Lavoura		
Serralha	Siraj	Lavoura	Alimento para porco	Alimento
Fumo bravo	Pitu	Capoeira	Veneno	Veneno
Cipó bravo	Samũsasa	Capoeira	Veneno	Veneno
	Jójó	Capoeira	Alimento	Alimento

Carqueja	Kanhmésa	Capoeira	Remédio	Remédio
	Hunh kókre	Capoeira	Remédio	Remédio
	Fĩr	Capoeira/mato	Remédio	Remédio
	Finfir	Campo/capoeira		Remédio
	Fẽfe			
Samambaia	Vẽnhkatun	Banhado		Remédio
	kẽmu	Mato/mata ciliar		Remédio/veneno
	Sóg tánh	Mato	Remédio	Remédio
Cipó branco	Mrũr kupri	Mato capoeira	Artesanato	
Cipó rasteiro	Ta mrũr	Mato/chão	Artesanato	
Cipó são joão de casca grossa	Mrũr grẽ	Mato e capoeira	Artesanato	Amarração e construção
Ipê	Pa	Mato e cultivado	Remédio	Remédio
Erva mate	Kógũnh	Mato e terreiro da casa	Comercializada	Consumo
Erva do bicho	Kãpó-fỹgja	Campo terreiro da casa	Remédio	Remédio
Cabriúva	Kẽgtagẽr	Mato	Palanque madeira	Madeira e remédio
Guajuvira	Vyj pẽ	Mato	Palanque especial	Esteio da casa remédio

Todas essas plantas são encontradas dentro das três comunidades. Existem algumas que permanecem os mesmo usos, outras, antigamente não eram utilizadas para artesanato e que hoje são usadas. Outras serviam como alimento e que não serve mais. Essas espécies são classificadas em cipós, árvores outras em capim e inços.

Essa diversidade de espécies de plantas são consideradas como conhecimentos das comunidades, e é importante refletir como os conhecimentos sobre essas plantas tem sido transmitidos. Assim, no próximo capítulo será discutido aspectos da transmissão do conhecimento sobre os usos das plantas, junto com a situação atual do meio ambiente nos setores estudados.

CAPITULO III

TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO SOBRE O USO DAS PLANTAS E A SITUAÇAO ATUAL DO MEIO AMBIENTE

Os saberes da comunidade kaingang sobre o seu território bem como o seu ambiente principalmente sobre as plantas, vem sendo passado de pai para filhos desde os nossos antepassados. O conhecimento do *kujá* sobre as ervas medicinais era muito grande porque ele tinha a função de cuidar a saúde do seu povo, ao mesmo tempo ele era um líder maior da comunidade. Não era separado o momento sagrado do *kujá* com o momento profano, porque na cultura kaingang, por exemplo, a preparação da criança começa desde ventre da mãe e após o parto, tendo a continuidade que acompanhava o crescimento da criança. Esta preparação é feita com o remédio para uma criança futuramente ser caçador, pescador ou coletor. Estas três palavras são os futuros trabalhos da criança. E todas as vezes que o coletor ou caçador ia coletar ou caçar, fazia todo o ritual que foi ensinado desde quando era pequeno e o ritual é o momento sagrado para ele, ao mesmo tempo é o trabalho dele.

"Enquanto os ambientalistas não-índios lidam exclusivamente com a relação entre os seres humanos e a "natureza", os povos indígenas tem um modo diferente de conceituar isto. Para eles, o conhecimento é simultaneamente material e espiritual e os seres humanos geralmente não estão separados desse "mundo natural". (Guia do professor, Cultura, Ambiente e BIODIVERSIDADE".

Para os Kaingang todas as plantas estão divididas conforme as marcas tribais do seu povo. Antigamente, quando praticavam o culto aos mortos, derrubavam o pinheiro – *fág* (*Araucaria angustifolia*) para construir o cocho que é *kãkej,* onde era colocada a bebida com mistura de mel conhecida por *kiki,* porque esta árvore é classificada para a metade *kamẽ* na cultura Kaingang. Ou seja, todas as árvores cujas folhas compridas sejam largas e estreitas, também as árvores frutíferas que possuem espinhos, estão classificadas para a metade *kamẽ*. Vale dizer, que os *kamẽ* tende ter um espirito que tem grande força, por isso, criou as coisas mais ofensivas.

As árvores que os Kaingang consideram que são *kajru,* têm as folhas mais arredondadas e quando uma árvore é uma fruta não possui espinhos. Ao contrario do *kamẽ*, o *kajru* tem um espirito bem calmo, já que, criou somente coisas boas e inofensivas. Dentro dessa dinâmica da relação, bem como a reciprocidade entre as duas marcas tribais, *kamẽ* e *kaijru*, existem crença muito forte na comunidade. Como conta senhora Joana Emilio que quando as filhas dela precisam de remédio do mato depois de fazer o parto ou pela outra ocasião, ela ia sempre às pessoas que são das marcas diferentes, para elas buscar o remédio do mato e sempre deu certo, o preço não é com dinheiro, mas é simples coisas ou agradecimento, diz ela. Então as duas marcas somente se complementam, mas não são oposições neste caso. Logo se pode dizer que os Kaingang aprendam os tipos de ervas medicinais somente com seu *kakrã* que é seu tio ou sogro, também com seus cunhados *jamré* que são pessoas com as marcas diferentes.

Outra forma de passar o conhecimento para os mais novos sobre o uso das plantas, bem como as ervas medicinais, acontece quando algum velho *kófa* da comunidade começava ter a dificuldade de ir buscar a erva medicinal no mato por causa do enfraquecimento dos seus olhos e locomoção ou adoecer. Em razão disso este (a) velho (a) revelava todos os seus conhecimentos e os segredos como os rituais sobre as plantas para um filho ou uma filha que ele tem mais afinidade. A revelação do segredo para o filho acontece no mato, onde o velho mostrava cada planta, com seu respectivo uso. Ali ele passava todo seu conhecimento para seu filho com muitos rituais que é forma de abençoar para que futuramente seu filho passe esses saberes também para alguém da sua geração.

Esse conhecimento da realização do *kiki* (cultos aos mortos) mencionado anteriormente era transmitido pelos mais velhos para os mais novos no momento das atividades daquele dia. É ali que os jovens entendiam que o pinheiro é uma árvore *kamẽ* principalmente e que deve fazer todo o ritual, ainda aprendem outras plantas que são *kamẽ* e *kajru* que são usadas durante as práticas dos rituais.

Outra pratica de uso das plantas antigamente, não era necessariamente ensinado como um professor que ensina hoje dentro de uma sala aula, entre quatro paredes, ou escrevendo e lendo. As crianças ou os mais novos aprendiam a fazer olhando o adulto realizar as atividades do cotidiano como confeccionar o arco e flecha, armadilhas, construção de casa etc. A aprendizagem das crianças Kaingang era espontâneo, porque quando o pai saía para fazer uma armadilha como laço *ẽgje* ou *krẽgnỹg*, os filhos desde pequenos iam juntos. Assim assistiam tudo que o pai fazia inclusive os tipos de plantas que o seu pai usava para fazer a armadilha que não podia ser feita com qualquer tipo de plantas. O acompanhamento das crianças com seus pais para o mato era todos os dias, onde os maiores começavam inventar a sua própria armadilha até que ia se aperfeiçoando. Portanto os mais novos aprendiam com os mais velhos de uma família também, sabendo que essas atividades eram dedicadas somente para os homens.

Para construir uma casa para uma família todos ajudavam, mas somente algumas pessoas que tem conhecimento sobre as madeiras que podem ser usadas na construção bem como o capim *re pẽ* para a cobertura da casa ou taquaras que servem para as ripas e cipó para ataduras, que deve fazer afrente desse trabalho. Dessa forma a transmissão do conhecimento sobre o uso das plantas é bem visível nas comunidades principalmente quando existiam ainda os mutirões conhecido como puxirão. No puxirão é muito comum a presença de alguma pessoa que tem habilidade para fazer armação da casa ou para indicar os tipos de madeiras para serem usadas e para localizar o lugar onde tem o tipo de capim em grande quantidade que é recomendada para cobrir casas. Nessa atividade um grupo vão para o mato para buscar madeiras, junto com ele está alguém mais velho para mostrar as árvores que devem ser derrubadas para a construção. E outro grupo vai arrancar o capim enquanto uns vão tirar taquaras ou cipós. Ali temos os grupos que estão comandados por pessoas que possuem conhecimentos nos usos das árvores, taquaras, cipós e capim. Nesses grupos tem pessoas que são mais novos com poucas experiências e pessoas mais velhas com experiências suficientes para ensinar os

mais novos. Todos esses processos torna uma arte de aprender, pois quem não conhecia certa árvore, capim ou cipó, por exemplo, conheceria para que servem, o nome da planta também.

Na comunidade as famílias trabalham todos junto, para buscar taquaras as crianças vão juntos, este o momento em que elas estão observando e fazendo aprendendo. Também a escola promove esta oportunidade para os pais e professores juntos com alguns alunos maiores, irem ao mato para buscar cipós e taquaras, então os mais novos vão conhecendo a importância das plantas na vida de sua família e os nomes das plantas. Esta atividade é promovida conforme a data comemorativa como na páscoa e o dia do índio que são datas próximas um das outras, inclusive junto com o grupo de artesões.

Atualmente nesses três setores da Terra Indígena Guarita a natureza não propicia mais toda a condição para a sobrevivência tradicional da comunidade, devido a grande expansão da agricultura em grandes quantidades praticado pelos alguns indígenas e principalmente em parceria com os nãos índios. Veja na figura 6.

Figura 6. Foto de plantação de trigo no setor de São João do Irapuá. (Foto do autor)

Na verdade, agricultura nunca foi o problema, mas é uma solução para o problema da realidade, porém por falta de conhecimento sobre a educação ambiental e da falta da gestão e de manejo, a comunidade continuem destruindo a natureza. Esta ação causa a diminuição da mata cada vez mais, onde são derrubadas árvores e queimado para depois ser cultivada com maquinas. Entre elas podemos citar as árvores que dão frutas. Podemos ver na foto uma parte de capoeirão sendo derrubados na figura 7.

Figura 7. Foto do setor de Linha São Paulo, T.I. Guarita RS. (Foto do autor)

Nesta região, as frutas que são mais ameaçados são as guabirobas *pẽnva*, guabijú *kanẽ sá*, pitanga *jymi* e jerivá *tẽnh* entre outras, pois estas árvores precisam de certa idade para começar dar seu primeira fruta e para ela chegar à esta idade é demorado. Estas plantas ainda existem nos matos remanescentes e nas matas cilhares, mais são árvores novas que não possuem idade para dar frutas. No entanto, os matos remanescentes estão sendo desmatado pelas demandas das comunidades, na maioria das vezes a mata cilhar é também destruída por motivo do aumento das necessidades e do crescimento dos moradores, por isso muitas das vezes esta destruição passa despercebida.

O lajeado Irapuá *Gojfã* é o rio principal que corta ao meio da Terra Indígena do sul indo para o norte, e sua situação atual tornou muito critico nas ultimas décadas com aproximação das lavouras, resíduos de agrotóxicos como venenos e o desmatamento das

matas cilhares que compromete a vida das plantas e a vida aquática de uma hora para outro. Sabendo que levaria muito tempo para a natureza repor estes recursos naturais renováveis. E nestes três setores onde foi realizada esta pesquisa se encontra as principais cabeceiras deste rio *Gojfã.* Veja na figura 8 que o rio está sem a presença da mata ciliar.

Figura 8. Foto do rio principal *Goj fã* da Terra Indígena Guarita RS, sem mata ciliar. (Foto do autor).

Como o avanço da tecnologia é muito acelerado nos últimos anos o modo de trabalhar na lavoura também se tornou muito mais sofisticado, porque a mão de obra dos moradores desta localidade que era prestado para quem planta em grande quantidade foi trocado pelas maquinas sofisticadas e pelo veneno conhecido por secante. Isto criou um grande impacto no meio ambiente que futuramente pode causar gradativamente o desaparecimento das abelhas e outros insetos que possuem um papel fundamental no processo de polinização. Este papel ecológico das abelhas é muito importante quando se discuta das diversidades da espécie das plantas, porque cada planta tem o grau de dependência com relação aos agentes polinizadores (guia do professor, abelhas nativas sem ferrão *mỹgpẽ*.2011). Isto é com exceção de algumas plantas. Fica claro também que com as queimadas e com o uso excessivo de venenos nas lavouras ficaremos sem os insetos que polinizam as flores que possivelmente tornaria a diversidade de espécie das plantas cada vez mais pobres. (Figura 9)

Figura 9. Foto de área dessecada para realização posterior de plantio direto. (Foto do autor)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu espero que essa reflexão apresentada sobre o uso das plantas, tenha sido compreendida como uma forma de registrar um pouco o conhecimento dos nossos velhos *kófa* que era transmitido através da oralidade e é fundamental para o ensinamentos dos filhos, para a sua própria organização politica, bem como as marcas tribais, a função das lideranças *pã'i* e *kujá* e sobre suas técnicas, práticas e uso de determinadas plantas. Todas essas questões têm como princípio ou base da sabedoria dos *kófa* que hoje é considerado como conhecimento Kaingang principalmente para o grupo de professores e estudantes. Dessa forma para nós, os conhecimentos dos *kófa* se igualam ao conhecimento europeu chamado de universal. Este conhecimento se dá também através da observação e do acompanhamento das pessoas mais novas da comunidade.

Para os Kaingang a terra é considerada como uma mãe, porque tudo o que nasce nela é para o sustento de toda a família. A visão sobre os recursos que a natureza oferece nunca foi para explorar, toda vez que faziam a coleta alguns desses recursos dependiam da necessidade da família ou da demanda da própria comunidade.

O uso de plantas como remédio, para cura ou para prevenção, tem gerado muito conflito com medicina que foi introduzida nos postos de saúde, porém muitas formas de utilidade das planta foram deixadas. Como foi apresentado, muitas espécies de plantas mudaram o tipo de uso, por exemplo, algumas espécies que eram utilizadas como remédio e que hoje não são mais. Neste sentido o acesso aos medicamentos industrializados poderia ser uma alerta para nós começarmos a se esforçar a valorizar os nossos conhecimentos.

O fato de a utilidade desses recursos naturais ser muito importante para as comunidades, é de ele ser a base do sustento de varias famílias, sabendo que o artesanato atualmente é umas das formas de sobrevivência onde as matérias primas mais utilizadas são as taquaras, cipós, capim e argilas entre outras. Porém atualmente estão se tornando escasso por falta de fazer o manejo de uso.

Para fazer o manejo de extração de matérias primas é precisa fazer a gestão na comunidade junto com as lideranças e nas escolas com apoio de outros tipos de entidades. Isto será importante para preservação das plantas que são para esses fins, ao contrário os recursos apesar de serem renováveis vão se esgotando, porque a natureza não poderá repor novamente em alguns casos ou poderá levar muito tempo para acontecer. Tendo em vista que o recurso esgota quando os coletores começam tirar em excesso sem precisão alguma ou por falta de conhecimento de suas consequências.

A ação do homem ou outros agentes, como o fenômeno da natureza, são os fatores responsáveis pela alteração do meio ambiente existente na comunidade, bem como os locais degradados e modificados pelas demandas das comunidades, causando o empobrecimento das espécies vegetais. Portanto devemos encontrar as alternativas que possam resolver a situação do meio ambiente e precisa acontecer o diálogo como reuniões ou encontros junto com as lideranças indígenas e sempre tomando como a base a Legislação Ambiental Indigenista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aparecida de Mello, Nilvania & Silva, Luana. Etnopedologia e saberes tradicionais: Relações com segurança alimentar, ambiental e cultural.

Carneiro, R. Uso do solo e classificação da floresta (Kuikúro). In: Darcy Ribeiro e Berta G. Ribeiro (Eds.). Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Finep, Ed. Vozes. Pag. 47-56. 1997.

Fehlauer, Tércio & Ayala, Caroline. “Agroecologia em Terras Indígenas”: das fronteiras da sustentabilidade á política de educação intercultural. Ano 2011.

Guia do professor, AS ABELHAS NATIVAS sem ferrão, mỹg pẽ. Terra Indígena Guarita RS. 2º edição revisada, 2011.

Guia do professor, Cultura, Ambiente e BIODIVERSIDADE", Terra Indígena Guarita. 2006.

Haverroth, Moacir. 2007 Etnobotânico, uso e classificação dos vegetais pelos Kaingang terra indígena Xapecó SC.

Posey, Darrel. 1987. Manejo da floresta secundária, capoeiras, campos e cerrados (Kayapo). In Ribeiro, B. (org.). Suma etnológica brasileira, vol. 1 B. Petrópolis: Vozes.

Sarmento, Everaldo. Concepções de professores indígenas sobre os problemas ambientais de sua comunidade. (http://www.neppi.org) (07/08/2011).